DF - Brasília

AS HISTÓRIAS NOS EMBARQUES E DESEMBARQUES DA RODOFERROVIÁRIA DE BRASÍLIA. SÃO ENCONTROS E REENCONTROS, ALEGRIAS E TRISTEZAS, SORRISOS, LÁGRIMAS E SONHOS DE GENTE DE TODOS OS CANTOS DO PAÍS

Encontros e despedidas

Mande notícias do mundo de lá, diz quem fica
Me dê um abraço venha me apertar, tô chegando...
...Tem gente que chega pra ficar
tem gente que vai pra nunca mais...

(Milton Nascimento e Fernando Brant)

A VIDA SE REPETE NA ESTAÇÃO

Fotos: Kleber Lima/CB

NOS 350M DA PLATAFORMA, A VIDA NÃO PÁRA. DIARIAMENTE, SÃO 150 EMBARQUES E DESEMBARQUES, CARREGADOS DE SONHOS, ESPERANÇAS, DESPEDIDAS. MAS HÁ DIAS QUE CHEGAM A 200

CERCA DE DEZ MIL PESSOAS CIRCULAM PELA RODOFERROVIÁRIA TODOS OS DIAS, ENTRE PASSAGEIROS E VISITANTES. NOS FERIADOS E FESTAS DE FIM DE ANO, ESSE NÚMERO CHEGA A DOBRAR

O adeus de quem parte

A esperança de quem chega

MARCO ABREU
DA EQUIPE DO CORREIO

Numa plataforma comprida de 350m, entre bagagens, tralhas, caixas, lágrimas e risos, a vida se despede e se reencontra. Às vezes, se despede para sempre. Se reencontra para recomeçar, juntar. Tentar de novo. Vai e volta. Vem e vai. Chega e parte. Naquela plataforma, a vida quer viver. Quer viver no abraço da mãe e do pai que não sabe quando verá o filho novamente. Na despedida apaixonada da moça ao deixar o namorado.

Naquela plataforma, da janela do ônibus, está selado o adeus da mulher que partiu para se reencontrar com ela mesma. Partiu para o mesmo lugar de onde, um dia, veio. Uma cidadezinha na divisa do Tocantins com o Maranhão a espera.

Ela foi para nunca mais voltar. "Vou às minhas origens, para os meus cheiros. Brasília, nunca mais...", sentencia, no adeus da janela do ônibus. Filadélfia, a cidadezinha para onde foi ao encontro do mundo que conhece, será sua parada final.

Naquela plataforma, a vida se enche de lágrimas. Nos olhos das jovens missionárias da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias a despedida entope o nariz, amortece as palavras. Diminui a voz. Engasga. Em alguns momentos, silencia.

Uma das missionárias partiu para o Espírito Santo. A outra acabou de chegar a Brasília. E a terceira, depois de desembarcar em São Paulo, seguirá para os Estados Unidos. "Não sei como vou viver longe daqui, depois de um ano e quatro meses morando no Brasil. Na verdade, nem sei se um dia ainda voltarei aqui", diz a engenheira norte-americana, em português razoável, momentos antes de embarcar. E se emociona: "Saudade (*sim, ela aprendeu o significado da brasileiríssima palavra saudade*) é sentir falta de algo que faz parte da gente. Mas não escreve essa bobagem aí, não, por favor...".

A vida também se emociona no reencontro das duas irmãs que não se viam fazia mais de uma década. No abraço apertado e ansioso da mãe que espera a filha e as duas netas. Na moça destemida que deixou a cidadezinha onde nasceu, na Bahia, os pais, oito irmãos e o namorado para começar uma vida completamente diferente em Brasília. A vida também se alegra no sorriso das duas estudantes adolescentes que rascunham e planejam o futuro ao desembarcar na plataforma de chão encardido.

Alegria e tristeza

Durante dois dias, pela manhã, à tarde e à noite, o **Correio Braziliense** percorreu a plataforma da Rodoferroviária de Brasília, lugar feio e malcheiroso, por onde, diariamente, circulam cerca de dez mil pessoas — entre passageiros e visitantes. Em feriados e festas de fim de ano, esse número duplica. Lá, ouviu histórias de gente que foi para nunca mais voltar. A tristeza de ir. A alegria de chegar.

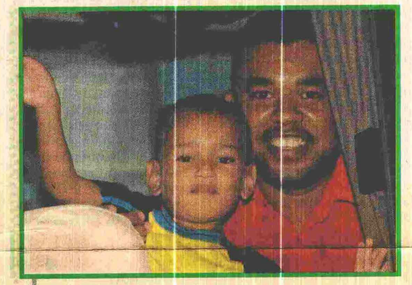
Reencontros e sorrisos. Despedidas e lágrimas. E encontrou também gente que provavelmente nunca mais partirá. Nem chegará. Na verdade, gente que nem sabe de onde veio. Mas está lá, todos os dias, tomando conta do lugar que chama de seu. "Eu construí isso aqui tudo. Sou o dono, o único dono", decreta o *construtor* da Rodoferroviária.

Wellington Vasconcelos da Fonseca — pelo menos é esse o nome com o qual se apresenta —, aparentes 50 anos, não tem história definida. Só sabe que um dia chegou. De onde, nem ele imagina. Talvez de Rondônia. Talvez do Piauí. De Minas Gerais. "Não sou de lugar nenhum. Sou universal. Sou um enigma", diz o homem pária, maltrapilho, sem documentos, passado, família e porte de lorde.

O homem vê, todos os dias, gente partindo e chegando. Só ele mesmo não chega nem parte. Wellington vive ali. "Quem chega ou vai embora tem um objetivo na vida, um destino a cumprir. A vida é assim mesmo, menino. Uns vão, outros chegam...", filosofa ele. Sentado no chão sujo daquele lugar, onde está há pelo menos cinco anos, Wellington aguarda, sem pressa: "Tô esperando minha família vir me buscar. Um dia, eles também vão desembarcar aqui".

Na Rodoferroviária de Brasília, no meio daquela estação, a vida pede licença para viajar nos seus 150 embarques e desembarques diários. Há dias que são 200. Mais que ir e vir, a vida pede licença para embarcar nos ônibus que deixam e levam, além de fumaça, alguma esperança. Alguma sentido. Algum rumo.

A vida pede licença para fazer e contar histórias. E se emocionar em cada chegada e partida. Naquela plataforma, antes de qualquer coisa, a vida pede licença para seguir.

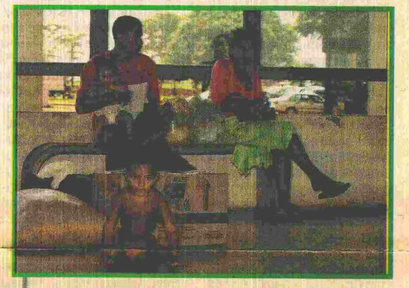


NOTÍCIAS DE LÁ

Quarta-feira, 16h30. Há dez anos, Manoel Fernandes, de 26 anos, não via os pais. Casado, trouxe boas novas. Apresentou-lhes a nova família, o filho Natanael, de 2 anos, e a mulher, Luciana Fernandes, 20. Na casa humilde de Samambaia, contou as novidades, o novo emprego em São Paulo, onde trabalha numa fábrica de meias. Ouviu histórias de sua gente. História de que ele faz parte.

O pai, o graniteiro Cicero Rodrigues, baiano de 48 anos, escutou com atenção o que o filho tinha para contar. A mãe, a dona-de-casa Ana Aparecida Fernandes, 47, chorou. Para ela, bastou olhar para o filho.

E assim se passaram duas semanas. Mas chegou a hora de voltar. Na Rodoferroviária, o abraço emocionado. "O coração fica apertado, mas se a gente for chorar vai ser pior", tentou segurar Manoel, prometendo ligar no Natal. Última chamada. O motorista avisa que vai partir. O último beijo da mãe. O abraço acanhado do pai. Qualquer dia, Manoel voltará para contar mais novidades sobre os novos filhos, o emprego, os sonhos, a vida em São Paulo...

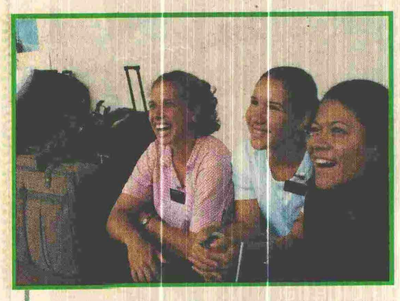


O RECOMEÇO

Quinta-feira, 10h30. O lavrador Francisco José Mota Rocha, um rapaz franzino de 22 anos, desembarca na Rodoferroviária. Junto, vêm a mulher Edinélia Soares Ferreira, 30, e os três filhos — Felipe, 3, Ana Júlia, 2, e Sibele, de apenas três meses de vida. Na bagagem, duas malas, uma caixa e um saco de arroz de 55kg. No bolso da calça surrada, R$ 200. Economia de uma vida inteira do trabalho na roça.

São Mateus, no Maranhão, ficou há dois dias para trás. Aqui é a esperança de uma vida melhor. Francisco José e Edinélia nunca vieram a Brasília. Ela veio em busca da irmã, Maria das Dores Ferreira, de 40 anos, de quem se perdeu faz 15 anos.

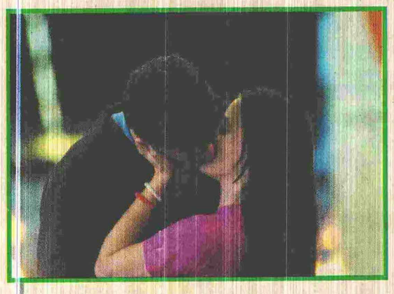
Ao desembarcar, num pedaço de papel, o telefone da casa de Maria das Dores, em Samambaia. A única referência da família. Quarenta minutos depois, Maria das Dores aparece. O lavrador segura as lágrimas. Maria das Dores conhece o cunhado, os sobrinhos e reconhece a irmã. Uma vida inteira se passou ali, no meio daquela plataforma. "A gente vai começar tudo de novo", sentencia Edinélia.



ADEUS, AMIGAS!

Quarta-feira, 13h30. Sentadas em cima de uma enorme mala, estão as três amigas missionárias da Igreja de Jesus Cristo dos Últimos Dias. Sister Michele, de 25 anos, Mi-Dourado (Os (D), 22, e Letzia Wetzel, 26, ia. O relógio da esperança avisa que o tempo passa. Depois de um ano e seis meses levando o evangelho a casas por onde passa-da esquina, uma tomará seu rumo. Pode ser que nunca mais se reencontrem. Sister Michele partiu para Vitória, no Espírito Santo. Michele seguirá para João Pessoa em pouco tempo. E a norte-americana Letzia embarcou para São Paulo. Lá, pegará um avião com destino ao estado de Oregon, nos Estados Unidos, onde vive com a família.

Na Rodoferroviária, os olhos avermelhados das três amigas denunciaram a saudade. "Meu coração está aqui", revela Letzia. "A vida é feita de encontros e despedidas", emenda Sister. Michele, com a Bíblia na mão, disfarça a tristeza. E torce: "Um dia, todas nós nos reencontraremos". É hora de partir. Não há mais tempo. O ônibus precisa seguir viagem.



PLANOS A DOIS

Quarta-feira, 19h35. O beijo apaixonado, perto da porta do ônibus, selou a saudade e a imensa vontade de ficar. E o compromisso, já que teve mesmo que partir, de que nada os afastará. Nem mesmo a distância. Assim, Kamila Cristina de Oliveira, de 19 anos, e João Paulo Porto, 20, — ambos de aparelho nos dentes — se despediram. Ela embarcou para Cuiabá. Ele voltou para o Núcleo Bandeirante, onde mora. Entre os dois, mais de dois mil quilômetros, treze meses de namoro e milhões de planos.

"A gente vai se falar todos os dias por telefone", promete ele.

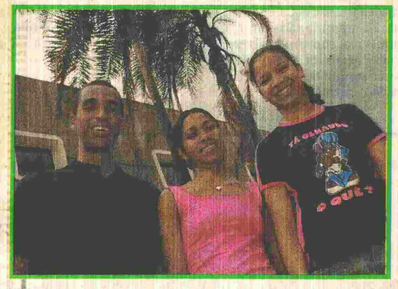
Kamila foi prestar vestibular para Agronomia. João Paulo estuda Direito em Taguatinga. Se passar, ela ficará em Cuiabá. Quatro anos, pensam eles, passarão rapidamente. "Não sei se tô preparada para ficar, mas se passar a gente vai ver...", diz Kamila. De dentro do ônibus, ela acena. Os olhos umedecem. Da plataforma, o rapaz tenta pegar a mão da namorada, através do vidro escuro. O ônibus parte. Cabisbaixo, ele segue para casa. "A gente tem que agüentar a saudade", resigna-se João Paulo.

UM NOVO CICLO

Quarta-feira, 15h, tarde nublada. Segurando a mão da filha adotiva — Lízia, de 3 anos —, Lígia Espírito Santo, 35, entra naquele ônibus. Da janela, dá adeus. É uma despedida emocionada. Ela partiu para Filadélfia, cidadezinha na divisa do Tocantins com o Maranhão.

Depois de quase duas décadas morando em Brasília, onde trabalhava como secretária no Ministério da Agricultura e morava na Asa Sul, Lígia voltou para o mundo que conhece. Voltou à vida que a norteia. Ao aconchego. "Estou indo sem olhar para trás. Acho que nunca mais voltarei a viver aqui. Fechei o ciclo", diz.

Na bagagem, roupas, lembranças e cheiros de quase 20 anos. Na cabeça, o desejo de recomeçar. A vontade de que tudo dê certo na volta para a casa. "Quero andar nas ruas que conheço sem medo da violência, conversar com as pessoas que fizeram parte da minha vida, mexer no meu passado, na minha história", planeja. O ônibus fecha a porta. Encostada na janela, Lígia acena. E parte. Não apenas para Filadélfia, mas para o reencontro com ela mesma.



O DESAFIO

Quinta-feira, 12h25. Há duas semanas, ela avisou aos pais que iria embora da pequena e pobre Jaguaquara, na Bahia. A mãe chorou. Implorou para que não viesse. Falou dos perigos da cidade grande. Nada adiantou. Ela veio. Enxugou as lágrimas, juntou duas sacolas e veio. Deixou a casa dos pais, os oito irmãos, os amigos e o namorado, a grande paixão. No desembarque, depois de quase 30 horas de viagem, a certeza de que fez a coisa certa.

Mariana Silva, de 20 anos, quer construir sua história. Sem nenhum parente em Brasília, apenas com a ajuda de dois amigos da mesma cidade — Gilvan de Jesus, 23, e Cristiane Meira, 17, que foram buscá-la —, a moça já chegou com emprego garantido. Irá cuidar de crianças num salão de festas, no Lago Sul. Morará, no endereço onde trabalhe envai morar. "Eu tinha ainha. frentar essa viagem sozinha vida, Tinha que mudar minhlia. dar sentido pra ela", avalego o

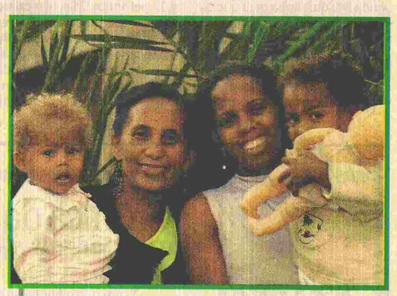
Se não der certo? "Trouxe mesmo ônibus que me e volto. O bom é saber que eu tenho pra onde voltar. Mas eu preciso tentar..."

MUITOS SONHOS

Quinta-feira, 11h40. No sorriso escancarado das duas adolescentes de mochila nas costas, travesseiro a tiracolo e olhar atento, está a vontade de escrever uma nova história. Arriscar-se. Provar que são capazes. Marcela Ribeiro (D) e Adriele Amaral, ambas com 17 anos, deixaram Mogi-Mirim, em São Paulo, e desembarcaram em Brasília. Vieram fazer a última etapa do Programa de Avaliação Seriada (PAS), da Universidade de Brasília (UnB).

Hospedadas na casa de uma tia de Adriele, na Asa Norte, o resultado do PAS pode mudar, para sempre, suas vidas. "Eu gosto de Brasília. Me dá uma sensação de liberdade imensa", extasia-se Marcela, pela terceira vez na cidade. E promete, de olho no curso de Administração: "Vou fazer tudo para conseguir uma vaga na UnB".

Adriele, esperando entrar para o curso de Letras, faz planos: "Mogi é uma cidade pequena. Em Brasília, a gente tem certeza de que as coisas podem ser melhores". Com muitos sonhos na cabeça, as duas pegaram o primeiro ônibus circular que as levou à Asa Norte. A vida pode começar na plataforma de uma rodoviária.



A ESPERANÇA

Quinta-feira, 13h15. O vento frio anuncia a forte chuva que cairá sobre a Rodoferroviária. O céu escurece. Tem cara de dilúvio. No boxe 13, lá está ela, ansiosa, encostada numa pilastra, à espera da única filha. O ônibus vem de Floriano, no Piauí. Ele estaciona. Os vidros estão embaçados pelo ar-condicionado e pela poeira da estrada. Nem bem a porta se abriu, a doméstica Maria Dolores Neto, de 44 anos, aguarda a filha e as duas netas. Edilene Neto, 21, desce, carregando Eveline, 3, e Karen Vitória, 1.

Dolores não sabe se abraça a filha, que não via há cinco anos, ou as netas, que nem conhecia. Saudosa, Edilene pergunta pelo noivo, o pedreiro Manoel Pereira, piauiense de 20 anos. A mãe explica que ele não pôde buscá-la porque está trabalhando. Mas logo o Edilene fica tristá em Brasília. Afinal, ela escasar com Mia. E ainda vai se çar aqui um anoel. "Vou comevislumbra a vida diferente".

Carregando moça nordestina. numa lotação malas e caixas, mãe, mãe, filha e netas seguem para Planaltina. Na cabeça de Edilene, viaja a honesta esperança de uma vida mais digna.